

REPÚBLICA2

Espectáculo criado a partir de um laboratório de escrita
e improvisação com o elenco

ENCENAÇÃO
DE MARCO ANTONIO RODRIGUES

DRAMATURGIA
DE JORGE LOURAÇO FIGUEIRA



“Tudo se discute neste mundo, menos uma única coisa que não se discute: não se discute a democracia. A democracia está aí como se fosse uma espécie de santa de altar, de quem já não se esperam milagres mas que está aí como uma referência, uma referência: a democracia. E não se repara que a democracia em que vivemos é uma democracia sequestrada, condicionada, amputada”.

José Saramago (1922 - 2010)



MAS QUE REPÚBLICAS?

Não se sabe bem o que aconteceu na noite anterior, mas neste dia tudo corre de forma estranha aos habitantes da Real República do Deuz-Darah. Hoje é o dia do centenário, mas as repúblicas não se organizaram a tempo e os Serviços Sociais recusaram abastecer a casa à última hora. Há muito que os pedidos e contrapedidos vindos desta Real República esgotaram a paciência dos serviços, e a dívida aos Serviços Sociais, sabe-se agora, é enorme. A renda está por pagar desde o mês anterior. E na caixa do correio acumulam-se os avisos de corte da água, da luz, do gás, do telefone, da TV e da internet. As repúblicas têm gasto o dinheiro noutras coisas e atrasam-se nos pagamentos individuais, ou porque a mesada se atrasa, ou porque a bolsa não chegou, ou porque gastaram nas propinas, ou porque compraram o computador, ou porque foi usado em vinho, ou no traje académico, ou, ou, ou... IVAN e CASIMIRO chegam com a missão de as ajudar a ultrapassar a situação, a pedido de MARIA EDUARDA, antiga república, e mandatados pelo Conselho das Repúblicas (CR), mas na verdade IVAN prometeu ajudar CASIMIRO a arranjar uma namorada na Deuz-Darah e, pela sua parte, pretende ajustar contas com MARIANA, um caso antigo. Os Serviços Sociais exigem uma caução para entregar a feijoada e o vinho para o centenário. O que fazer? Aproximam-se as eleições nacionais e o atual Presidente da República, candidato a novo mandato, estará na cidade nesse dia, para inaugurar uma estátua nas comemorações oficiais da Implantação da República.

A coisa é de tal modo que as repúblicas decidem sair à rua e assumir-se como símbolos vivos da república, pedindo apoio para o centenário... Mas de que república estamos a falar? Neste espetáculo decidimos levar à letra a expressão «centenário da república» e misturá-la com os centenários das repúblicas (casas de estudantes) de Coimbra. A memória das últimas décadas e a urgência do futuro cruzam-se à volta da mesa de uma república fictícia, onde quaisquer semelhanças com a realidade são mais do que coincidências.





AS REPÚBLICAS D'O TEATRÃO

(Jorge Loureiro Figueira)

O texto que serviu de base a este espetáculo é fruto de um conjunto de fontes e/ou processos. Em primeiro lugar, um laboratório de dramaturgia durante o qual foi proposto aos atores que improvisassem e escrevessem cenas através de um conjunto de exercícios de José Sanchis Sinisterra, a partir da observação das Repúblicas de Coimbra e do estudo da implantação da República. Deste laboratório surgiram várias falas que foram aproveitadas para a versão final do texto e uma série de circunstâncias que passaram a fazer parte tanto do passado das personagens como da experiência dos atores.

Em segundo lugar, a imitação de argumentos de Aristófanes: n' As Rãs, «Dioniso desce ao Hades com o seu criado Xântias, por ter saudades de Eurípidés»; n' As Aves, «dois velhos, cansados de processos, abandonam Atenas, em procura de Tereu – o homem que se tornou poupa –, para se informarem sobre qual o melhor modelo de cidade a fundar»; em Mulheres na Assembleia, as mulheres de Atenas decidem tomar conta do poder, cansadas da incapacidade dos homens no governo. Foi a leitura de peças do comediógrafo grego que inspirou a composição do enredo.

Em terceiro, a glosa ao mote involuntário dado pelo historiador Rui Ramos no sexto volume da História de Portugal de José Mattoso e na terceira parte da História de Portugal de Rui Ramos, Bernardo Vasconcelos, Sousa e Nuno Gonçalo Monteiro. Uma versão cínica dos factos, contada em tom irónico, revelando as ambições e interesses pessoais por trás dos idealismos e movimentos coletivos, mas sobretudo os acidentes e acasos que fazem os agentes parecer marionetas do destino e personagens tragicómicas. Em complemento, o número televisivo dos Homens da Luta, e publicações recentes como Os Dias Loucos do PREC, de Adelino Gomes e José Pedro Castanheira, pareceram dar-nos a liberdade para brincar com coisas sérias.

Em quarto, a herança das personagens alegóricas, das caricaturas, da sátira política e da farsa sexual que recebemos do teatro de revista, aliás um dos géneros mais populares na época da implantação da República. E aparentada com esta herança, a tradição do desenho humorístico e da caricatura em Portugal desde o tempo da I República aos trabalhos de José Vilhena.



A soma disto tudo determinou uma certa iconoclastia, a mesma que tínhamos encontrado nas repúblicas, chegada até nós pelas paredes e histórias das casas. Mas o primeiro alvo dessa iconoclastia não é a República, ao contrário do que a peça parece propor, ao contar a história do rapto de uma estátua, nem as casas de estudantes, aqui retratadas numa situação limite. Pelo contrário, o primeiro alvo somos nós, os criadores e intérpretes d'O Teatrão, que fizeram este espetáculo como uma forma de autorreflexão e uma maneira de se darem a conhecer, ao mesmo tempo que falavam do que lhes é próximo. As Repúblicas, a República e O Teatrão equivalem-se em mais de uma maneira, e desafiamos o espectador descobrir quais.



SOBRE ESTE ESPETÁCULO

(Marco Antonio Rodrigues)

Nos cento e vinte anos que são o objeto de nosso estudo aqui, o mundo alcançou um fantástico desenvolvimento tecnológico. A rapidez e a sofisticação dos sistemas econômicos baseados na acumulação do capital são, no entanto, de tal ordem que ao enfrentarem-se, durante este século alargado, com alternativas de organização, saem vitoriosas e, mais do que nunca, robustas. Por isso o marco zero da incorporação da expressão humanidade como sinônimo do fim das grandes mazelas sociais permanece como item postergado para mais adiante, numa agenda mais ou menos perdida.

São muitos os artigos, os livros, os assuntos, as imagens, os conhecimentos adquiridos pela equipe artística para a construção deste objeto artístico chamado Repúblicas. Quanto a mim, não os pude adquirir, mas tomei-os emprestado, estrangeiro que sou. Antes admirei com inveja o poder poético que o mar que banha Portugal de norte a sul inspira no vosso imaginário. Encantei-me a ponto da distração ociosa com as copiosas referências, não apenas circunscritas a estes cento e vinte anos cobertos por este nosso centenário, e também com muitas tribos, não só aquelas a que pertencem os poetas portugueses, de Camões a Zé Mário Branco, mas as de filósofos, arquitetos, muita gente. De novo invejei este espírito aventureiro de navegadores que é o que lhes deve ter animado enquanto povo para fazer, na rotunda, durante este século de doze décadas, várias revoltas e uma revolução. Obviamente, razão de o país ter tido os avanços sociais que teve, entendida a história não como uma abstração romântica, mas como uma gigantesca agenda de compromissos capaz de afetar a vida de cada homem.

Claro que os tempos são difíceis, o mercado mundialmente estertora, tentando se agarrar onde haja vida em seu abraço de afogado. Não é à toa que o FMI, quem diria, voltou à moda, as conquistas sociais que se supunha absolutamente consolidadas são ameaçadas, as mídias abandonam mundialmente qualquer pudor e transformam notícias em verdadeiros anúncios publicitários, na ânsia de conter desastres que nada têm de naturais. Natural é o mar, porque além de mar há o horizonte, o que acaba mais cedo ou mais tarde, derrotando, por obra do povo, os imperialismos e suas ditaduras por mais dóceis e travestidas que estejam.



Coimbra não tem mar, mas em compensação tem muitas rotundas. A república aqui também é tão única que tem esta representação plural na forma das repúblicas de estudantes. Espaços onde o inconformismo e a indignação podem ser uma profecia. Possíveis espaços de liberdade, de criação, para além de tudo cênicos, cenográficos. Testemunhas de pedra e cal, a lembrar que o passado já não nos pode redimir, já que muito manda-chuva passou por estas casas. Terreiro e território privilegiado para encontros ou mandingas, acordos e conspirações. É o lugar onde tudo pode acontecer, o que é muito bom justamente porque tudo pode acontecer. Resolvemos juntá-las colocando a república dentro das repúblicas de forma a percebermos o gênero de acasalamento e convívio que daí adviria.

Enfim, do mínimo ao máximo, do mais íntimo e privado ao público e notório, são felizes coincidências e significâncias. Encontros felizes, oportunidades que se potencializam. Tempos que se esgotam para que outros nasçam. Votos que se renovam. Amigos que se reencontram, se abraçam e se confortam. Que bom. Este também é o ano em que perdemos Saramago, um republicano sempre militante que faz falta pela lucidez e clareza da voz. Saibamos encontrar-nos com o espírito inconformista que chegou da implantação da República até ele e até nós.



NOTA SOBRE O ENCENADOR MARCO ANTONIO RODRIGUES

Conselheiro artístico e colaborador habitual d' O Teatrão, encenou na companhia *Enq, o Gnomo*, de Marcos de Abreu, *O Círculo de Giz Caucasiano*, de Bertolt Brecht, e, autorizado pela FUNARTE - órgão do Ministério da Cultura do Brasil do qual é funcionário - *República/s*, de Jorge Loureiro Figueira, e *Noite de Reis*, a partir de W. Shakespeare.

No Folias d' Arte - grupo que fundou em 1998 em S. Paulo e que, sob a sua direção artística, veio a tornar-se um ponto de referência na geografia cultural latino-americana – dirigiu espectáculos como *El Día que me Quieras*, de José Ignacio Cabrujas e *Éxodos*, dramaturgia coletiva com coordenação de Jorge Loureiro Figueira.

De entre os seus muitos trabalhos premiados, *Orestéia – O Canto do Bode*, de Reinaldo Maia a partir de Ésquilo - distinguido em Cuba com o Prémio Villanueva da Crítica em 2009 como um dos melhores espectáculos do ano - e *Otelo*, de W. Shakespeare - Prémio Shell de Teatro em 2003 na categoria de encenação - já foram apresentados em Portugal, integrando as edições do FITEI em 2008 e 2006, respectivamente.

FICHA TÉCNICA E ARTÍSTICA

Dramaturgia: Jorge Loureiro Figueira

Encenação: Marco Antonio Rodrigues

Elenco: Cláudia Carvalho, Helena Freitas,
Inês Mourão, Isabel Craveiro,
Margarida Sousa, Mariana Nunes,
Marta Filipe, Natália Cardoso,
Nuno Carvalho, Pedro Lamas e Ricardo Correia

Desenho de Luz: Alexandre Mestre

Dispositivo Cénico e Figurinos: Helena Guerreiro

Direção Musical: Manuel Rocha e Pedro Lamas

Fotografia: Paulo Abrantes

Grafismo: Sofia Frazão

Construção/ Montagem Cenário: José Baltazar

Costureira: Fernanda Tomás

Cabeleireiro: Carlos Gago

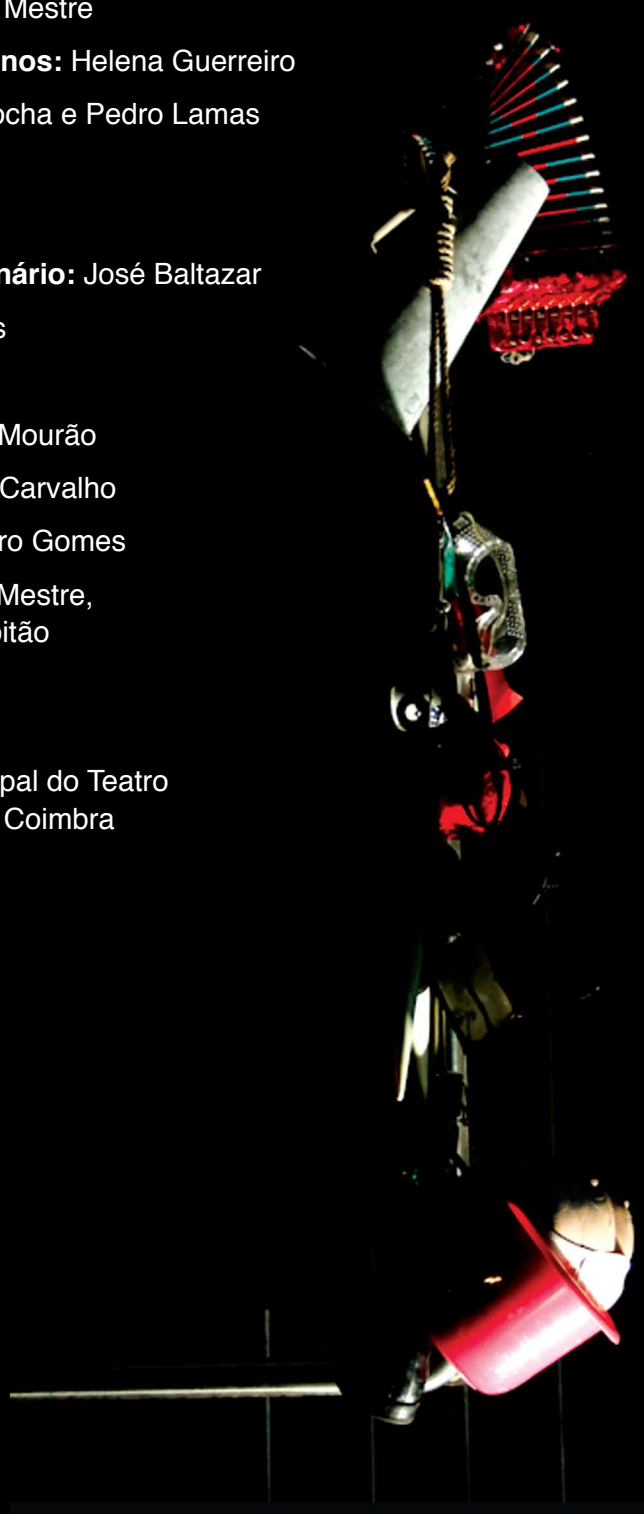
Direção de Produção: Inês Mourão

Produção Executiva: Nuno Carvalho

Direção Técnica: João Castro Gomes

Equipa Técnica: Alexandre Mestre,
Jonathan Azevedo e Rui Capitão

O TEATRÃO - Oficina Municipal do Teatro
Rua Pedro Nunes, 3030-199 Coimbra
Telef: 239 714 013
Telm: 914 617 383
<http://oteatrao.com/>
<http://oteatrao.blogspot.com/>
geral@teatrao.com



Temos andado a falar de muitas coisas, quando falamos da República, neste Outono em que ela faz cem anos e a melhor coisa que nos pode acontecer é o FMI, mas era bom que trocássemos ainda mais ideias sobre o assunto: aqui, nas "República/s" que O Teatrão ontem estreou na Oficina Municipal do Teatro, em Coimbra, fala-se do "bandalho, pernicioso" do Afonso Costa ("Que te há-de um português chamar (...) ante o teu merecimento de linsulos, ó hiper tudo-isto?"), do dia em que o Visconde da Ribeira Brava virou a cabeça, dos rapazes que fizeram a greve de 69 e agora estão a engordar no Parlamento (ou então se tornaram assessores), do Manuel Alegre enfiado no Mário Soares e até, bardamerda, do FMI ("O FMI é só um pretexto vosso, seus cabões, o FMI não existe, o FMI nunca aterrou na Portela coisa nenhuma").

Como estamos em Coimbra, além de se falar dessa República e dos cem anos que já tem em cima, também se fala das repúblicas (casas de estudantes) lá de casa - dessas Repúblicas dos Pequenos que, como a República dos grandes, acordam ao meio-dia, de ressaca, cheias de dívidas "aos sociais" e de grandes dramas acerca do que é feito daquilo que fomos ser (tudo porque, enfim, poucas coisas nestes cem anos correram como deviam ter corrido, e ainda por cima acabou o gás). A ideia veio do encenador, o brasileiro Marco António Rodrigues, colaborador regular do Teatrão (montaram juntos "O Círculo de Giz Caucasiano", de Bertolt Brecht, em 2008, e em Dezembro vão montar a "Noite de Reis", de Shakespeare): "Há uns tempos atrás, o Ricardo [Correia] fez um espectáculo que percorria a cidade e passava por uma república. Eu achei que iconograficamente aquilo tinha uma força... Falei para eles: 'As repúblicas são uma coisa tão local, só têm um similar em Ouro Preto que é copiado daqui, vocês deviam pensar em cima disso'", explica.

Pensaram em várias coisas ao mesmo tempo: nos cem anos da Implantação da República (sobretudo a partir da versão, digamos, iconoclasta de Rui Ramos nesta última "História de Portugal", mas também da tradição satírica praticada nos tempos da República, da caricatura à farsa sexual), na experiência comunitária das repúblicas de estudantes coimbrãs, em Aristófanes, no número televisivo dos "Homens da Luta" e nas investidas

"O centenário chega numa altura sui generis, com o FMI a ameaçar vir e a União Europeia a tentar pôr-vos de joelhos. Mas o salto foi de gigante"

Marco António Rodrigues

peripécias recuperadas por Adelino Gomes e José Pedro Castanheira em "Os Dias Loucos do PREC", lembrete de como todas as revoluções portuguesas têm a sua veia trágica.

Esta, a revolução republicana, é particularmente dada à tragédia - e é por isso que o texto, que Jorge Loureiro Figueira montou a partir de todas as fontes disponíveis e das contribuições dos actores, convidados a escrever cenas da peça, vai muito pela derrota. Não havia outra maneira de fazer isto que não fosse cantando e rindo (mas cantando e rindo como forma de intervenção), justifica o encenador: "Vocês têm de rir disso, porque a tragédia já está instalada no quotidiano. Tem havido muitas perdas aí, pelo que percebe". Tal como na revolução republicana, tudo o que pode correr mal irá correr mal nesta república de raparigas, até à noite em que elas não chegarão a queimar o soutien na rua, em protesto, mas pelo menos irão tirá-lo.

Passado e presente

Não que a moral da história seja necessariamente má - há lugar aqui para algum revisionismo acerca da República, mas também há simpatia por Machado dos Santos, o homem que ficou na Rotunda no 5 de Outubro de 1910, quando tudo parecia perdido, e até por todo o século que veio a seguir: "Talvez eu, por estar de fora, olhe para a história da República com mais interesse do que vocês. É uma grande luta, um século grande de 120 anos em que Portugal faz avanços enormes. É claro que o centenário chega numa altura sui generis, com o FMI a ameaçar vir outra vez e a União Europeia a tentar pôr-vos de joelhos. Mas isso não significa que o salto não tenha sido de gigante. Aliás, é na medida em que o Estado perde poder que os cidadãos podem recuperá-lo", argumenta Marco António Rodrigues.

Tal como o olhar sobre a República, também o olhar sobre as repúblicas, que de resto participaram activamente nas acções paralelas ao espectáculo

que estiveram na rua até terça-feira, é ambivalente. "Ao mesmo tempo que têm coisas muito libertárias, têm outras que são muito conservadoras. Houve uma coisa que me impressionou muito, que foi o jantar: à noite todo o mundo está na mesa, todo o mundo janta junto. Isso também tem a ver com uma tradição muito própria de oralidade. Em todas as repúblicas que visitámos, todo o mundo quis contar histórias dos repúblicos que passaram por lá, dos repúblicos que ainda lá estão agora. Há realmente uma memória que é preservada. As repúblicas têm muito esse lado de estarem com um pé no passado, na tradição, e outro no presente", sublinha o encenador.

"República/s" também tem um pé de cada lado: isto é o que eramos, e é o que somos. Não somos um país brilhante, temos dívidas, dramas e o FMI a aterrar na Portela, mas ninguém faz isto com a nossa calma. Nem com tanta piada.

Ver agenda de espectáculos na pág. 39



A pequena história das repúblicas de estudantes coimbrãs é o espelho da grande história da República desde 1910 até aos dias de hoje



A República acordou com ressaca

Teatro

O que aconteceu na Rotunda no 5 de Outubro de 1910, mais todo o século a seguir, até este Outono em que a melhor coisa que nos pode acontecer é o FMI: "República/s" é O Teatrão a olhar para este país cheio de dívidas e a perguntar o que é feito daquilo que fomos ser. Inês Nadas

Com O Teatrão sob o signo da República

Pensar o país, o que representou e representa hoje a República, é objectivo central da temporada do grupo até Dezembro.

PELO AMANTES



► Lídia Pereira

O centenário da República e os processos de investigação e trabalho de um grupo de teatro não têm, em princípio, grandes pontos de contacto. No entanto, é nesse pressuposto que O Teatrão assenta a sua estratégia base para a temporada que agora começa e irá prolongar-se até final do ano, como salientou Isabel Craveiro, directora artística do grupo de Coimbra.

Todo construído sob o signo da República – não especialmente no tom “comemorativo” justificado pelo centenário, mas antes numa particular tentativa de “perceber” como é que o regime instaurado a 10 de Outubro de 1910 serve hoje o país –, o programa a desenrolar-se até Dezembro na Oficina Municipal do Teatro de Coimbra ficará marcado por dois espectáculos d'O Teatrão: “República/s” e “Noite de Reis”, laboriosamente “antecipados” num “laboratório de dramaturgia”, que passará a integrar o trabalho regular do grupo, sob a di-

gueira.

Ora, logo no primeiro espectáculo – “República/s” – que estará em cena entre 7 de Outubro e 7 de Novembro, os responsáveis pelo grupo decidiram “levar à letra” a expressão “centenário da república”, misturando-a com os centenários das repúblicas (casas de estudantes) de Coimbra, numa espécie de grande e esclarecedora “metáfora” do país, como salientou Isabel Craveiro.

Quanto a “Noite de Reis”, numa versão do texto de Shakespeare, foi escolhido

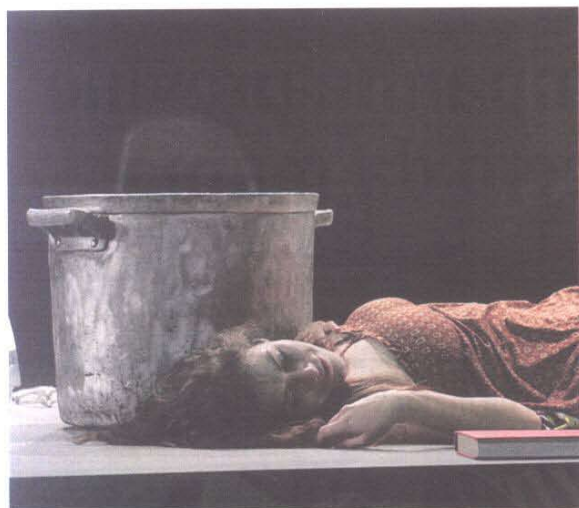
por nele se encontrar “a chave para as fantasias que ocupam tanto reis, como presidentes, como repúblicas de Coimbra: mudar de vida”.

Mas a OMT tem muito mais a oferecer. Logo a 9 de Setembro, destaque para os Pop Dell'Arte, num concerto a que irá seguir-se, no dia 11, o primeiro espectáculo integrado no centenário da República: “O trono saiu à rua”, pelo projecto Limite Zero, destina-se a um público a partir dos seis anos. Depois, destaque ainda para Visões Úteis, a 16 e 17 de Setembro.

Fórum “abre” debate público

A FAZER JUSTIÇA à abertura participativa que a República trouxe à vida portuguesa, também O Teatrão abre agora o seu projecto ao debate público, com a participação de todos os interessados, entidades e parceiros de percurso. O Fórum Teatrão OMT 2011-12 está agendado para 12 de Setembro, domingo, a partir das 16H00, na Oficina

Municipal do Teatro de Coimbra, com os trabalhos a serem presididos por dois notáveis colaboradores do grupo: Laborinho Lúcio e Sousa Ribeiro. A intenção, de acordo com Isabel Craveiro, é conversar sobre o papel e vocação do grupo e do espaço que programa, abrindo o debate sobre o carácter cívico das artes do espectáculo. A entrada é livre.



PAULO ABRANTES

COIMBRA

Com a(s) República(s) em Coimbra

Teatrão estreia quinta-feira, na Oficina Municipal do Teatro, a peça “República(s)”

✶ Lídia Pereira

lidia.pereira@asbeiras.pt

CELEBRAR A REPÚBLICA é, também, questionar o tempo presente a partir da marcha da história que se fez em todo o último século. Celebrar a República em Coimbra implica, necessariamente, olhar para dentro das casas comunitárias que contam parte fundamental da história da cidade, indagando-lhes os costumes igualitários e as práticas libertárias mas sempre generosas.

O Teatrão fez esse caminho e estreia quinta-feira, às 21H30, na Oficina Municipal

do Teatro de Coimbra, a peça “República(s)”.

Integrado no programa oficial de comemoração do centenário da República, o projeto assume-se especialmente enquanto processo de intervenção, pública também, uma vez que integra a “Tribuna de Rua”, desenvolvida com o Videolab, entre 27 de setembro e 1 de outubro, em algumas praças de Coimbra. E poderá, depois, ser “visitado” por todos, a partir dos 12 anos, até 7 de novembro, de quarta-feira a sábado, às 21H30, e aos domingos, às 19H00.

Desenvolvido a partir de

uma oficina de dramaturgia feita por todos os elementos do projeto e conduzida por Jorge Loureiro Figueira – um dos habituais companheiros de percurso do Teatrão, à semelhança, aliás, do encenador brasileiro Marco Antonio Rodrigues –, “República(s)” é, para Isabel Craveiro, uma espécie de “laboratório” onde foi possível ensaiar todas as mais importantes práticas do grupo, evocando igualmente aquelas que enformam a República.

Em declarações ao DIÁRIO AS BEIRAS, Marco Antonio Rodrigues – que já ti-

nha dirigido para O Teatrão “O círculo de giz caucasiano”, de Brecht –, disse da importância de “evocar memórias”, “interpelando práticas” que não são apenas as da República portuguesa, a celebrar agora o seu centenário.

Em palco, o cenário parte de uma situação específica: em dia de centenário na Real República do Deuz-Darah, as repúblicas da casa não se põem de acordo... Então, a memória das últimas décadas e a urgência do futuro cruzam-se à volta da mesa de uma república fictícia, onde

quaisquer semelhanças com a realidade não passam de belas coincidências.

Com dramaturgia de Jorge Loureiro Figueira e encenação de Marco Antonio Rodrigues, “República(s)” chega ao palco com Cláudia Carvalho (a atriz que interpreta também o filme “Em bargo”, de António Ferreira) Helena Freitas, Inês Mourão Isabel Craveiro, Margarida Sousa, Mariana Nunes, Marta Filipe, Natália Cardoso Nuno Carvalho, Pedro Lama e Ricardo Correia. Reservas 239 714 013, 914 617 383 (geral@oteatrao.com).

“República/s” estreia hoje na Oficina Municipal do Teatro

O Teatrão recorre à vivência das casas estudantis como ponto de partida para recriação do centenário

■ Uma metáfora do percurso dos portugueses nos 100 anos do regime republicano é a essência do novo espectáculo teatral da companhia de Coimbra O Teatrão, que utiliza como matéria criativa o “modus vivendi” das repúblicas estudantis.

É no dia a dia da “Real República do Deuz-Darah”, uma criação ficcional também confrontada com graves problemas financeiros, tal como a actual República Portuguesa, que se desenvolve a narrativa dramática a que os actores dão vida em palco.

«O que se tenta através dessa metáfora é procurar compreender onde se está e donde se veio», explica o encenador brasileiro Marco Antonio Rodrigues, que assina a segunda criação para O Teatrão, depois de “O Círculo de Giz Caucásio”, de Brecht, em 2008.

O espectáculo “República/s”, que estreia hoje à noite e estará na Oficina Municipal de Teatro até 7 de Novembro, é o resultado de um trabalho colectivo de laboratório de escrita e improvisação, em que os actores foram con-

dados a reflectir sobre as repúblicas de Coimbra e o estudo da implantação da República em Portugal.

Desse laboratório, segundo Jorge Loureiro Figueira, a quem coube o trabalho dramático, «surgiram várias falas, que foram aproveitadas para a versão final do texto, e uma série de circunstâncias que passaram a fazer parte tanto do passado das personagens como da experiência dos actores».

Um universo muito rico

Confessando-se um admirador da história da República em Portugal, das lutas populares, e das suas rupturas, uma antítese da evolução política no Brasil, o seu país, que foi «muito lenta», Marco Antonio Rodrigues realça que as repúblicas estudantis forneceram um «material artístico rico, muito forte».

«As repúblicas, nas suas singularidades, são um universo muito rico. Um espaço libertário. Carrega características transgressoras», afirmou à agência Lusa o encenador, que viu aí o universo



“REPÚBLICA/S” é primeira produção original do Teatrão nesta temporada

de transposição e de transmutação para abordar teatralmente os 100 anos da República.

Artisticamente, o “centenário da República” é misturado com os centenários das repúblicas (casas de estudantes) de Coimbra, celebrações com carácter anual, cuja designação pretende significar que um ano de vivência numa república estudantil corresponde a 100 anos de vivência num outro contexto.

Segundo Marco António Rodrigues, algo que também se extrai da peça é que se devem «encarar com tranquilidade os problemas que estamos vivendo», e justifica o que diz recorrendo à história do povo português, que sempre encontrou «recursos

para as dificuldades, para as superar pelo exercício da cidadania».

Com encenação de Marco Antonio Rodrigues e dramaturgia de Jorge Loureiro Figueira, “República/s” reúne um elenco de actores composto por Cláudia Carvalho, Helena Freitas, Inês Mourão, Isabel Craveiro, Margarida Sousa, Mariana Nunes, Marta Filipe, Natália Cardoso, Nuno Carvalho, Pedro Lamas e Ricardo Correia.

O espectáculo, com duração de cerca de uma hora e meia, estará em cena na Oficina Municipal do Teatro durante um mês, até 7 de Novembro, com sessões de quarta-feira a sábado às 21h30 e no domingo às 19h00. O preço dos bilhetes varia entre 4 e 10 euros.

Diário de Coimbra, 3 Novembro 2010

O Teatrão convida deputados para debate sobre o estado do Estado

Última semana da peça “República/s” na Oficina Municipal do Teatro

■ O espectáculo “República/s”, uma criação da companhia O Teatrão para assinalar o centenário da República, termina no final desta semana um ciclo de apresentações, iniciadas com a estreia em 6 de Outubro.

A peça estará no palco da Oficina Municipal do Teatro, no Vale das Flores, com sessões às 21h30 de hoje a sábado, e às 19h00 no domingo.

Esta versão da história, refere a companhia teatral de Coimbra, «não tem heróis, tem pessoas de carne e osso — e sonhos de melho-



O ESPECTÁCULO “República/s” estreou dia 6 de Outubro

res Repúblicas». «Durante o espectáculo, confundimos repúblicas de estudantes com a República Portuguesa. No próximo sábado levamos a coisa um bocadinho mais a sério e acolhemos na plateia verdadeiros deputados à Assembleia da República, para debater o estado do Estado numa

conversa, no final do espectáculo, em que todos poderão participar», anunciou ontem O Teatrão.

Este projecto sobre as repúblicas compreendeu uma série de intervenções designadas “Tribuna de Rua”, que antecederam a estreia do espectáculo teatral, bem como uma instalação vídeo e uma

“Carta Aberta da República Portuguesa à União Europeia”, enviada ontem mesmo, onde, numa das passagens, se fez um reparo ao «fraco e lento desenvolvimento que a política cultural tem tido no seio da União Europeia».

«Como se explica que, ocupando a Europa no mundo o lugar simbólico de produção de pensamento, a União Europeia, interlocutora dos povos europeus, defenda (através do tratado de Lisboa) a instrumentalização da cultura associando-a à educação (diálogo intercultural e diversidade), à economia (indústrias criativas e promoção do emprego), e às relações internacionais, e não como um valor em si mesma?», questiona o documento.

O preço dos bilhetes para a peça “República/s” varia entre os 4 e os 10 euros.

Panfleto dos eventos comemorativos do Centenário da República Portuguesa em Coimbra

CONCERTO DA REPÚBLICA

4 Out. | 21h30

Praça 8 de Maio

SESSÃO OFICIAL

5 Out. | 10h00

Paços do Município

ARRAIAL REPUBLICANO

5 Out. | 12h00 – 19h00

Baixa de Coimbra

CONFERÊNCIAS “Viva a República!”

7 e 14 Out. | 15h00

Casa Municipal da Cultura

REPÚBLICA/S, O Teatrão

7 Out. a 7 Nov.

4ªf. a sábado | 21h30 || domingo | 19h00

Oficina Municipal do Teatro

5 DE OUTUBRO, ViciTeatro

13 Out. | 9h30 – 15h00 (5 sessões)

Casa Municipal da Cultura

REPÚBLICA PORTUGUESA: O SONHO

DE UM MONARCA, Loucomotiva

15 e 16 Out. | 21h30 || 17 Out. | 16h00

Teatro da Cerca de S. Bernardo

CONFERÊNCIAS

“A República, os Museus e o Património”

28 e 29 Out. | 10h00 – 17h00

Museu Municipal – Edifício Chiado

**CENTENÁRIO DA
REPÚBLICA PORTUGUESA
1910 - 2010**

